

Introdução crítica aos Estudos da *Performance*

Tiago Barcelos Pereira Salgado

CARLSON, Marvin. (2010).

Performance: uma introdução crítica.

Belo Horizonte: Editora UFMG, 284 p.



Resumo: O que é *performance*? Em torno dessa pergunta, Marvin Carlson discute o conceito de *performance* em suas múltiplas concepções, que perpassam desde as Ciências Sociais até o campo das Artes. O autor aborda o contexto cultural, histórico, político e social em que os Estudos da *Performance* se desenvolveram e fornece instrumentais teóricos e metodológicos importantes para pesquisas sobre a temática.

Palavras-chave: estudos; *performance*; performatividade; teorias

Abstract: **Critical introduction to Performance Studies** - What is performance? Around this question, Marvin Carlson discusses the concept of performance in their multiple conceptions, from the Social Sciences to the field of Arts. The author presents the cultural, historical, political and social context in which Performance Studies were developed and he provides important theoretical and methodological approaches for researchs on the subject.

Keywords: performance; performativity; studies; theories

O livro *Performance: uma introdução crítica*, de Marvin Carlson, inicia e termina com uma questão que perpassa todo o texto: o que é *performance*? A fim de responder a indagação proposta, sem contudo esgotar as possibilidades de apreensão do conceito

“fluido e mutante” de *performance*, o autor revisa diversas teorias sobre o assunto, oriundas de diferentes vertentes de estudos.

Na introdução, Carlson reforça que o termo *performance* se tornou popular nas artes, na literatura e nas ciências sociais, que tentam analisar e entender essa “espécie de atividade humana”. No entanto, a noção é “essencialmente contestada”, não havendo consenso por parte dos teóricos e estudiosos sobre a temática. Em função disso, o livro visa fornecer “uma variedade de mapeamentos do conceito, alguns sobrepostos, outros verdadeiramente divergentes” (p. 12). Em um campo de estudos complexo e relativamente recente, o livro busca sintetizar as principais referências desenvolvidas e destacar instrumentais teóricos e metodológicos das propostas mencionadas.

Carlson aponta que a *performance* pode ser compreendida como comportamento que requer a presença física de seres humanos ou animais especializados ou treinados que demonstram certa habilidade frente a uma audiência. Segundo essa visão e aproximando-a do campo da Comunicação, podemos compreender que realizar a *performance* é exhibir-se a alguém. Por essa via, que retoma as formulações de Erving Goffman, Paul Bouissac, Richard Bauman e Richard Schechner, podemos compreender que *performance* (do verbo *to perform*) implica em desempenho de um papel (perspectivas artística e social) frente a observadores, convocados também a integrarem e participarem da *performance*.

Apesar de a primeira parte do livro oferecer um antecedente intelectual para a ideia de *performance*, seguido por desdobramentos do conceito pelas várias ciências humanas e sociais, Carlson não associa a prática performática à sociedade do espetáculo, como o faz Sibilia (2010), ou aos *media*, como exercita Schechner (2006). Entre as diferentes abordagens, sublinhamos os trabalhos de Goffman, Conquergood, Singer, Turner, Burke, Hymes, Bauman, Schechner, Bakhtin, Benveniste, Austin, Searle, Derrida e Butler, que nos parecem mais adequados aos estudos comunicacionais por estes pensarem a dimensão interacional instaurada pela prática performática.

A ideia de *performance* como ação está presente em todos os tratamentos do tema e acreditamos que, desse modo, o conceito se apresenta como um operador analítico para certo tipo de comportamento que se coloca entre o *performer* (leia-se aquele que realiza uma ação frente a outros) e as audiências que se formam em seu entorno. Destacamos a concepção de *comportamento restaurado* sistematizada por Schechner (2006), que retoma as formulações de Turner, conforme Carlson, para pensar a prática performática como ação social. Pela via da linguagem, Austin e Searle (apud CARLSON, 2010) se dedicam aos atos de fala, que não apenas dizem algo ou sobre algo, como também realizam algo. O conceito de *performatividade* assume uma importância nos estudos linguísticos, uma vez que desloca o olhar do enunciado e de seu conteúdo para os modos de enunciação discursiva. Butler (apud CARLSON, 2010) reflete sobre atos corpóreos (físicos) e não apenas atos de fala, compreendendo que o corpo pode ser apropriado de múltiplas maneiras pelos sujeitos. Olhando para as celebrações e manifestações populares, Hymes (apud CARLSON, 2010) atenta para a *performance* como um comportamento social (subgrupo

de conduta) em que o *performer* estabelece uma responsabilidade para com uma audiência – concepção que nos parece importante para problematizarmos a vinculação que o processo comunicativo passa a estabelecer entre os pares.

A segunda e a terceira partes do livro abordam a arte da *performance* e as maneiras como a prática performática tem sido contemporaneamente apropriada. Como prática artística, a *performance* se consolida como movimento artístico típico dos anos 1970, em que o caráter institucional da arte é questionado, importando menos a obra e o artista que o processo. Carlson evidencia que essa arte da ação e do corpo se origina de apresentações públicas, como o circo, os *music halls*, os *vaudevilles* e é herdeira do futurismo, por meio do dadaísmo e dos *happenings*. Diferentes artistas de momentos históricos distintos são listados. Por fim, o autor pontua os modos pelos quais a *performance* tem sido utilizada como estratégia de resistência e conformação de identidades (feministas, negros e gays) e indica outras possibilidades de investigação do tema.

Apesar do vasto repertório destacado, o autor deixa de lado as formulações do medievalista Paul Zumthor (1993, 1997, 2007) a respeito da *performance* vocal, que trazem categorias importantes para a análise da prática performática, tais como *gestualidade* e *vocalidade*, bem como a apreensão de que a *performance* é um *saber-ser* e não apenas um *saber-fazer*.

Tiago Barcelos Pereira Salgado é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e bolsista do CNPq.

tigubarcelos@gmail.com

Referências

- SCHECHNER, R. (2006). *Performance Studies: an introduction*. New York, USA: Routledge.
- SIBILIA, P. (2010). O artista como *performer*: dilemas do eu espetacular nas artes contemporâneas. In: LABRA, D. (Org.). *Performance presente futuro*, v. II. Rio de Janeiro: Aeroplano; Oi Futuro. p. 14-20.
- ZUMTHOR, P. (1997). A obra vocal. In: _____. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec. p. 167-217.
- _____. (1993). A performance. A obra plena. In: ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 219-262.
- _____. (2007). *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac & Naify.